

# Gilberto Velho e os desvios: prostitutas em sociedades complexas

**GABRIEL O. ALVAREZ (UFG)**



A proposta deste capítulo é discutir a presença de Gilberto Velho em nossas pesquisas. Com este propósito, se revisitou a pesquisa *Prostitutas cidadãs* (ALVAREZ; TEIXEIRA, 2001). Nesse trabalho se explorou a prostituição como identidade, com um campo simbólico criado a partir do trabalho, com uma série de termos que tem um “ar de família” marcado pela violência. No trabalho se analisou também a trajetória das prostitutas e a organização do movimento social das trabalhadoras do sexo.

Na década de 1980, quando estudava Antropologia na Argentina, a Antropologia brasileira que a gente lia no curso se sintetizava em três grandes autores: Darcy Ribeiro, Roberto Cardoso de Oliveira e Gilberto Velho. Essa Antropologia marcou minha formação, que não à toa

continuou no Brasil. Lamentavelmente eles não estão mais entre nós, mas, como os rituais, marcaram nosso olhar antropológico. Apesar de diferentes, as abordagens desses autores têm um “ar de família” que marcou a Antropologia feita no Brasil. Entre as diversas pesquisas que eu realizei no Brasil, uma esteve particularmente marcada pela Antropologia Urbana de Gilberto Velho: *Prostitutas cidadãos* (ALVAREZ; TEIXEIRA, 2001).

A perspectiva de Gilberto Velho veio: no recorte do tema, na metodologia e na inspiração teórica para a leitura e organização dos dados levantados no trabalho de campo. Gilberto Velho foi um dos primeiros antropólogos a levar para o campo urbano as técnicas desenvolvidas pela Antropologia, observação participante, observação direta, entrevistas em profundidade, mergulhar no campo, estranhando para compreender. Essa marca deixou um agradável sabor empírico nas pesquisas de Antropologia Urbana no Brasil (VELHO, 2013).

Neste ponto, Gilberto Velho está em diálogo com a escola de Chicago, e particularmente com William Foote Whyte, da *Sociedade da esquina* (FOOTE WHYTE, 2005), que realizou sua pesquisa com jovens de gangues ítalo-americanos; ecoa a teatralidade da Sociologia de Goffman, – inspiradora dos trabalhos de performances –; o interacionismo de Becker focalizando o desvio (VELHO, 2011). Esta influência de enxergar a sociedade

pelas margens, pelo desvio, foi tropicalizada por Gilberto Velho (1998), que mostrou, em *Nobres e anjos*, que o desvio leva ao centro. No seu trabalho de doutorado realizou uma etnografia sobre uso de drogas num grupo de jovens da “gema” carioca. No seu trabalho apresenta diversas socializações em torno do uso de marijuana, LSD, cocaína, entre um grupo que incluía artistas plásticos, intelectuais e diplomatas, assim como entre os surfistas.

Gilberto Velho colocou o desvio no centro ao dissociar *desvio* de *anomia* (VELHO, 1977; 1979). Quebrar a abordagem funcionalista permitiu olhar estes grupos desviantes como parte da sociedade, como grupos com identidades específicas, ancorados em valores que orientam um comportamento de acordo com uma visão de mundo. O caminho para esta guinada está no conceito de *estranhamento*, de olhar o familiar colocando em suspenso nossos próprios valores. Ao mesmo tempo, estes grupos nos falam também da sociedade da qual fazem parte. Olhando o outro, os interstícios, os marginais, podemos revelar aspectos não enxergados a partir do nosso senso comum.

A abordagem desenvolvida em *Prostitutas cidadãs* (ALVAREZ; TEIXEIRA, 2001) tem inspiração na abordagem desenvolvida por Gilberto Velho (1981), em *Individualismo e cultura*, que marcou o campo da Antropologia Urbana. O autor assinala que as sociedades

complexas podem ser enxergadas numa série de grupos, articulados entre si, que podem participar de uma tradição cultural, mas também assinala grupos com tradições culturais associadas à divisão do trabalho. Estas identidades, associadas ao trabalho, nos levaram a analisar a prostituição como um horizonte simbólico associado ao comércio sexual, e levar em conta o olhar das protagonistas. Outros conceitos analisados no trabalho foram os de trajetória de vida, estigma, manipulação e fragmentação de identidades.

Quando pensamos que a divisão de trabalho se acompanha de tradições culturais, o que vem à mente são as tradições camponesas, operárias, sindicalistas, mas o comércio do corpo pode criar uma “tradição”? Quais seus jogos de linguagem, os símbolos compartilhados e reproduzidos de uma geração para outra?

Durante a pesquisa entrevistamos mais de 40 trabalhadoras do sexo nas cidades de Belém e Fortaleza, a maior parte desta amostra foi com trabalhadoras do sexo em boates e nas ruas. Pelo desenho da pesquisa, entrevistamos também outros atores-chave, como os responsáveis pelos programas estaduais e municipais da área de saúde, e ONGs focadas no segmento DST/AIDS. Outro ator importante foram as associações de prostitutas. Neste capítulo focalizaremos as prostitutas e suas associações.

A partir das entrevistas no local de trabalho, realizadas durante o trabalho de campo, construímos um perfil destas mulheres trabalhadoras do sexo. A prostituição não é homogênea, existem diversos “nichos” neste mercado: as “casas fechadas”, as boates, as que trabalham com algum agenciador e atendem em hotéis, a prostituição de ruas, a prostituição em beira de estradas ou em locais específicos, como garimpos, ou locais próximos de grandes projetos, como mineradoras ou construções.

Não existe uma associação a um nicho, nem uma passagem evolutiva de um local a outro. Uma das principais características das trabalhadoras do sexo é a mobilidade. Podemos visualizar esta mobilidade com a noção de *trajetória*, inspirada em *Projeto e metamorfose*, de Gilberto Velho (1994), o que nos permitiu associar esta mobilidade como relacionada a um ciclo relativo associado à saturação do local de trabalho, que se articula com outro ciclo absoluto, relacionado com a idade. Quando são novas num local de trabalho atraem mais clientes, quatro ou cinco por noite; à medida que passa o tempo no mesmo estabelecimento, o número de programas tende a cair, o que motiva a saída e a procura de novos locais. Por outro lado, estes ciclos que implicam mobilidade – e inclusive idas aos garimpos – entrelaçam-se com outro ciclo determinado pela idade. A medida que a idade avança, diminui o número de fregueses, o que as obriga a deslo-

car-se para locais de menos competência, mais periféricos, tal como elas declaram nas entrevistas. A combinação destes dois ciclos permite descrever a trajetória das profissionais do sexo. Estas trajetórias, com seus ciclos, podem ser dramaticamente alteradas por problemas de saúde, como DSTs/HIV, ou pela violência. A violência aparece também como um dos principais riscos apontados pelas prostitutas e se reflete no “ar de família” entre os símbolos que orientam o cotidiano destas mulheres.

As entrevistas revelaram um jogo de linguagem que tem a violência como pano de fundo: a batalha, o corpo como arma, ir para a zona, ter nome de guerra. Como assinalamos: “O âmbito público é visto como uma batalha, onde o corpo é a arma a ser usada na zona de prostituição. Elas tentam manter separados esses dois campos também através do anonimato dado pelo nome de guerra, que pode mudar de semana em semana” (ALVAREZ; TEIXEIRA, 2001).

Um dos pontos da entrevista semiestruturada era uma história de vida sexual. Na análise nos chamou atenção a recorrência do relato de terem sido estupradas. Este estupro é colocado num tempo anterior à prostituição e em muitas das vezes inclui parentes ou pessoas próximas da família. Este fato nos revela, por um lado, índices de violência sexual maiores que os apresentados pela estatística policial. Por outro lado, nos levou a pen-

sar como hipótese o papel que teve a violência na construção dos corpos das prostitutas. Não afirmamos que toda mulher estuprada vai se prostituir, mas que as mulheres que exercem a prostituição sofreram o trauma do estupro. Estes eventos traumáticos podem resultar num tipo de sexualidade desdobrada e numa performance no relacionamento laboral, que não inclui, ou evita, um envolvimento afetivo.

A ambiguidade deste relacionamento se expressa por expressões como “a gente é prostituta, puta é a que dá de graça”. A *performance* implica um jogo de sedução, com conteúdo sexual, mas sem envolvimento emocional. Um dos ditados escutados que aparece como índice deste jogo é quando se referem ao orgasmo como “acidente de trabalho”. As prostitutas sofrem também com um *sistema acusatório* que as coloca fora da sociedade, como se sua performance só pudesse ser desempenhada nesse espaço liminar da *zona* (VELHO, 1981).

Estas mulheres, nos depoimentos, ressaltaram os esforços em dissociar o espaço de trabalho do espaço privado, devido à série de preconceitos que enfrentam. Nos seus discursos, nas entrevistas, invocavam sua condição de mães, e que é a prostituição que permite sustentar seus filhos. Ao falarem dos filhos, foram recorrentes as declarações de que não querem “essa vida” para seus filhos. Este fato parece significativo, uma vez que deslo-

ca a reprodução da tradição, desse universo simbólico, que neste caso não se apresenta como valor que passa de geração a geração, por *endoculturação*, e sim pelo ambiente de exercício da profissão, num âmbito “público”.

Como assinalamos, a prostituição acontece em diversos contextos, que vão da situação de casa fechada às situações de rua. Durante a pesquisa entrevistamos as trabalhadoras do sexo nos seus lugares de trabalho, nas ruas, bares e boates, o local que elas chamam de *zona*. Por trás dessas variações, existe uma cena que se repete. Usamos aqui o termo *cena*, no sentido de Goffman e de Gilberto Velho (VELHO, 2002). Refiro-me aqui aos diversos atores que compõem esta *cena* ou *espaço social*: as prostitutas, os fregueses, os taxistas e policiais.

Um dos itens da pesquisa era estabelecer um perfil dos fregueses. Fortaleza e Belém são pontos de destino de turismo internacional. Apesar disto, as trabalhadoras do sexo declararam que a maior parte dos fregueses era de público local, homens de classe média, com idade na faixa dos 30 aos 50 anos, divorciados ou em crise com suas esposas.

As prostitutas classificam seus clientes em diferentes tipos de acordo com o grau de envolvimento: o *cliente eventual*, o *freguês*, os *amigos*, o *noivo*. Os clientes eventuais são anônimos; os fregueses já têm uma frequência maior de encontros, por vezes periódicos. Já os

amigos ou os noivos supõem um envolvimento maior, que em alguns casos podem chegar a romper a parede que separa o mundo público do privado.

As profissionais do sexo constroem a relação a partir de uma performance de sedução. A sedução é uma atuação e tem como público os homens que frequentam a zona. De acordo com os depoimentos: “os homens são bobos”, “otários a ser depenados”, “manipulados”. Isso não é uma regra geral e muda com o envolvimento. Todo jogo de sedução implica manipulação, às vezes pode ser eficaz, outras vezes não. No pior dos casos pode resultar em violência. Gaspar (1985) assinala que a performance das garotas de programa está estreitamente associada com a mentira. Fazer de conta que gostam do freguês, fazer de conta que gozam no sexo, fazer de conta que escutam e que estão interessadas pelo freguês. A mentira estrutura relações sociais.

Os fregueses, por sua vez, tratam as prostitutas como putas, alguém que tem a intenção de te manipular, que você sabe e deixa atuar. Envolve-se sem envolvimento, só por diversão, por excitação, por responder a um jogo de provocações levado para os aspectos mais carnis, menos intelectuais. Um estado liminar onde se tira a posição na estrutura social – cônjuge, inserção laboral – para assumir, literalmente, uma posição sexual. Posição negociada, de acordo com uma tabela, oral, papai

e mamãe, anal, outras fantasias, inclusive ser escutado por uma mulher.

Outro dos personagens da zona são os taxistas, quase um Exu que leva do mundo público ao privado, que está disponível para levá-las até o freguês, e pode, inclusive, arrumar alguns serviços. Os taxistas que frequentam a zona podem se tornar *amigos*, socorrer em momentos de sufoco, trocar alguma corrida por um agrado. Eles são dos poucos que sabem o domicílio em que elas moram, quando as levam de madrugada, depois da jornada de trabalho.

No Brasil, a prostituição individual não é crime. De acordo com os depoimentos escutados, a constituição reconhece o direito da mulher de fazer o que quiser com seu próprio corpo, inclusive se prostituir. O que é crime é a exploração sexual, o agenciamento. Essa tênue linha introduz outro ator na zona, a presença da polícia. A polícia paira na zona, tanto porque dá um consentimento implícito, negociado, como pela presença intimidadora, amparada em éditos e ordenanças de moral pública, materializada em violência e humilhação. Abusos que vão dos “convites” para participar numa festa até a violência explícita. Contra quem denunciar a polícia? As idas à delegacia são calculadamente constrangedoras.

A prostituição, com suas performances noturnas, se transformou numa alternativa laboral, para estas mu-

lheres, que rende mais dinheiro que outros trabalhos. A maior parte delas vem da periferia, tem baixo nível de escolarização e dificilmente encontraria um emprego com esses rendimentos, apesar dos riscos. A violência, a discriminação, a ausência de cidadania, enquanto sujeitos de direito, perpassa a realidade destas prostitutas. Conscientes dos riscos da trajetória da prostituição, uma das portas de saída enxergada por estas mulheres, é encontrar alguém que as tire dessa vida, um príncipe encantado, com quem se casar e sair do Brasil. A vida noturna, o consumo de álcool todas as noites, eventualmente consumo de drogas, uma vida sexual intensa cobra um preço do corpo destas mulheres.

Nas sociedades complexas nos defrontamos também com múltiplos níveis de determinação e com a emergência de atores coletivos. Nas cidades analisadas aconteceu um processo análogo de construção de atores políticos, num cenário que envolveu atores locais, internacionais, multilaterais. Nos processos analisados em Belém e Fortaleza observamos uma *trajetória* comum na construção dos atores coletivos.

Na década de 1980, frente ao avanço da epidemia de HIV/AIDS se fomentou uma série de políticas focadas nos grupos de risco, com financiamento internacional, canalizado parte pelo estado, parte pelo terceiro setor. Nas cidades analisadas, a INTERAIDS, uma ONG fran-

cesa, procurou construir parceria para a execução dos projetos e estimulou a criação de grupos de universitários, que se organizaram como ONG e estabeleceram parcerias na área da saúde, tendo as prostitutas como público-alvo dos projetos. Os universitários, com suas ações focais, foram um ator que catalisou passagem para a ação coletiva. Essas parcerias permitiram realizar um significativo levantamento de informações, executaram o agenciamento de recursos e estimularam a criação de associações de prostitutas.

A atuação destas organizações permitiu às trabalhadoras do sexo o acesso a serviços de saúde, assistência social e jurídica. Serviços estes aos que tinham acesso precário ou inexistente pelas vias do estado. A realização de oficinas de capacitação e grupos de reflexão deu impulso à organização dessas mulheres. Nessas oficinas eram discutidas as DSTs/AIDS, com ênfase na prevenção e na distribuição de preservativos como estratégia para promover o sexo seguro. Nas oficinas se ensinavam técnicas, como, por exemplo, a de colocar o preservativo com a boca. Para esta prática era usada uma banana, ou inclusive uma garrafa de refrigerante pequena. As prostitutas passaram a ter uma presença cada vez maior e este fortalecimento levou, em ambos os casos analisados, à formação de uma organização de *trabalhadoras do sexo*. No caso de Fortaleza foi a Associação de Pros-

titutas do Ceará, (APROCE) e em Belém foi o Grupo de Prostitutas da Área Central (GEMPAC).

No decorrer deste processo, os grupos de prostitutas se fortalecem e ganham autonomia. À medida que ganham experiência organizativa passam a competir pelos mesmos recursos – limitados – com as ONGs que inicialmente as incentivaram. As representantes destas organizações ganham assentos nos fóruns municipais e estaduais em que são discutidas as políticas sobre DST/AIDS. As diversas ONGs que desenvolvem ações de prevenção na área de DST/AIDS repartem e disputam recursos destinados às políticas públicas, assim como espaços de poder nas instâncias de discussão dessas políticas, como conselhos de saúde, e instâncias de coordenação em estados e municípios. Com a necessidade de recursos, a lógica de reprodução das ONGs as leva a se orientar por uma lógica contraditória com aqueles novos atores que ajudaram a fortalecer. Quando estes atores, no caso as organizações de prostitutas, transcendem os objetivos que orientaram as agendas das ONGs, as mesmas perdem eficácia, na medida em que aumenta o poder de estabelecer interlocução com outros atores como políticos, agentes do estado e outros atores da sociedade não organizada (ALVAREZ; TEIXEIRA, 2001).

Na medida em que se organizam a partir da sua identidade associada ao trabalho, suas demandas não ficam

restritas ao campo da saúde. Entram na agenda alternativas de geração de renda, uma das quais é a execução de ações de prevenção. Estes fundos são negociados mediante convênios nas esferas municipal, estadual e federal. Outros dos temas que emergem são a discriminação, a violência e a perseguição policial. Frente à pressão da polícia, as organizações implementaram uma carteirinha, como documento a ser exibido ao serem abordadas pela polícia; demandadas por creches etc. Políticos abrem canais de interlocução com as lideranças destas organizações, o que às vezes resulta em candidaturas para vereadoras do município, ou em apoio em pleitos políticos. Nestas interações se negocia o possível caudal de votos que podem mobilizar estas mulheres falando diariamente com seus vários fregueses.

O processo de construção destas lideranças, que passam a participar de diferentes arenas públicas, tem também um lado pedagógico. O mais importante deste processo foi a construção de lideranças com capacidade de representação e interlocução política, capazes de expressar suas reivindicações, o que legitimou as prostitutas como cidadãos de direito.

Por outro lado, em relação às associações de prostitutas, como assinalamos no trabalho, as mesmas são permeadas por tensões internas inerentes à conformação de grupos políticos, como a criação de diferentes facções

que lutam pelo poder. Outra das dificuldades enfrentadas se relaciona com a *cultura do papel*, uma vez que o mercado de projetos exige formulação de projetos, relatórios, avaliações, prestação de contas. Estas organizações também não estão isentas dos vícios que permeiam o sistema político, como nepotismo, clientelismo, centralização do poder e perpetuação nos cargos. Será que são desvios ou são uma das formas tradicionais da política no Brasil, que se repete em diversos níveis, das organizações de prostitutas e ONGs até políticos de projeção nacional? Um novo desvio que leva ao centro.

Com este texto cumpro com o reconhecimento às influências de Gilberto Velho nas minhas pesquisas, nem sempre devidamente reconhecidas nas bibliografias dos meus trabalhos. Esta ausência se deve à interiorização desse olhar antropológico que transcende citações pontuais para ser umas das bússolas com que atravessamos mares de dados.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Gabriel; TEIXEIRA, Marlene. Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área de HIV/AIDS. *Revista Ciências Sociais*, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 32, n. 1-2, p. 53-68, 2001.

FOOTE WHYTE, William, *Sociedade de esquina: a estrutura social numa área pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

VELHO, Gilberto (Org.). *Arte e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de Antropologia social*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VELHO, Gilberto. *O desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo sobre tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. *Mana*, v. 17, n. 1, p. 161-185, abril 2011.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VELHO, Gilberto. Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil. *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis, UFSC, v. 4, n. 1, p. 5-16, jul. 2002.